

Ana Maria Sigal

Gracias a la vida

Realização Ana Claudia Patitucci, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez-Mazzarella

DOI: 10.70048/percurso.73.109-130

Ana Maria Sigal de Rosenberg é psicanalista, membro-fundadora do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, assim como do Curso de Psicanálise, onde é professora desde os primórdios, em 1976. Foi também fundadora e coordenadora, junto com Lucía Barbero Fuks, do curso “Clínica Psicanalítica: Conflito e Sintoma”, em 1997, nesse mesmo Departamento. Muito imbuída na política institucional dentro da psicanálise, Ana se dedicou ao Movimento Articulação desde seu início, na defesa de uma psicanálise laica e leiga. É organizadora do livro *O lugar dos pais na psicanálise de crianças* (São Paulo: Escuta, 1994) e autora de *Escritos metapsicológicos e clínicos* (São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009).

Formada em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires, em uma época de efervescência política e cultural na Argentina, encontrou, já na faculdade, o interesse pela psicanálise que era transmitida por professores da envergadura de José Bleger e David Liberman. Sem poder fazer a formação na Sociedade de Psicanálise que, nesse momento, só aceitava médicos, Ana fez sua formação psicanalítica de forma independente. Se analisou com analistas didatas, fez inúmeros grupos de estudos ministrados por membros da Sociedade, e se formou na prática clínica e institucional no serviço de psicopatologia da enfermaria de pediatria do Hospital das Clínicas de Buenos Aires, onde era acompanhada por supervisões e seminários clínicos.

Nesse percurso, encontrou os interlocutores com quem mais se identificava, se afastou de outros e assim semeou suas próprias convicções sobre a transmissão da psicanálise, a formação de um analista, e a ideia de que ninguém pode e nem deve controlar uma

análise. As escolhas de interlocutores foram fundamentais também em sua pesquisa sobre o lugar dos pais na análise de crianças, sobre o qual propôs um modelo próprio, inicialmente muito questionado. Foram construções e batalhas que atravessaram sua trajetória marcada pela prática institucional e pela preocupação com o tema da política institucional nas instituições psicanalíticas.

Nessa entrevista, o leitor poderá reconhecer a importância que Ana atribui à família. Essa importância, como um fio, liga a sua gratidão aos pais pelas escolhas que fizeram e pelo apoio deles às escolhas que ela fez; com a família que constituiu em uma aposta no futuro, em tempos sombrios, e que muito a alimenta; e com o lugar da família na sua clínica, cujos impasses a fizeram crescer e encontrar um lugar próprio.

Também poderá conhecer a história dessa ativista, desde muito jovem, simpatizante do movimento hippie, que conjugou a experiência de liberdade, com um giro pela Europa vivendo em uma Kombi com seu marido, ao mesmo tempo que ampliou sua formação, em Londres, na Clínica Tavistock, e na costura de relações profissionais muito fundamentais, como a com Laplanche. Sempre na conjunção entre elementos de ruptura e elementos de estabilidade, segundo ela mesma.

Essa força, que não a esquivava dos movimentos de mudança, foi necessária quando a

PERCURSO Ana, gostaríamos que você nos falasse de sua trajetória na psicanálise, especialmente sobre suas experiências ainda na Argentina, sua vinda para o Brasil e o encontro com o grupo que acabou se transformando depois no Curso e no Departamento de Psicanálise.

ANA MARIA SIGAL Queria agradecer o convite, porque me dedico há 48 anos ao Instituto Sedes, ao Curso de Psicanálise e, me aproximando de momentos de partida e de pensar o que vai sobrar



*queria também dar gracias
a la vida. Eu estou aqui
depois de uma jornada
complexa, uma vida de luta,
de resistência, de prazer
e de amor, mas
que não foi fácil*

situação política na Argentina se tornou “muito, muito ruim”... o risco de vida, os livros queimados... “Ou vamos, ou vamos”, disse Ana. Assim, ela e a família chegaram ao Brasil, “de mala e cuia”, onde não conheciam ninguém, ou quase ninguém. Os “maravilhosos” acasos da vida teceram sua história de encontros genuínos que lhe abriram portas, através dos quais rapidamente se viu acolhida e inserida nesse país desconhecido.

A profunda gratidão pela vida emana e dá o tom dessa entrevista, que também aborda importantes pesquisas teóricas desenvolvidas por Ana Sigal, como a questão do arcaico nas patologias atuais e a problemática de gênero dentro da psicanálise.

Cristina Parada Franch
Danielle Melanie Breyton

de tudo o que fiz, acho que uma entrevista ajuda nesse sentido. Porque o que fica escrito é o que fica registrado. Então, quero agradecer o carinho de terem revalorizado uma história.

Queria também dar *gracias a la vida*. Eu estou aqui depois de uma jornada complexa, uma vida de luta, de resistência, de prazer e de amor, mas que não foi fácil. Sou muito grata de poder aproveitar, aqui, tudo o que plantamos e colher o que semeamos. Ver os brotos, tanto no campo



da Argentina, eu tenho muito para contar. Ao pensar e me preparar para esta entrevista tive sensações absolutamente diversas, fiquei impressionada pela quantidade de fios que se entremeavam e como alguma coisa que aconteceu lá atrás reverberava, trinta anos depois

institucional quanto no campo pessoal, a família, os filhos, que são coisas muito importantes na minha vida, e meu marido, que tem um papel importante também neste meu exílio. Grata de ter realizado tudo o que realizei e das oportunidades que tive, sobretudo para lutar e fazer da minha vida algo que faça sentido.

Da Argentina, eu tenho muito para contar. Ao pensar e me preparar para esta entrevista tive sensações absolutamente diversas, fiquei impressionada pela quantidade de fios que se entremeavam e como alguma coisa que aconteceu lá atrás reverberava, trinta anos depois, em uma pesquisa científica, em uma luta política. Sou muito devota, poderia dizer, à psicanálise, porque acho que é um saber que nos mostra como as coisas vão ganhando sentido, pois, às vezes, o que não tem sentido em um momento pode vir a ter muitos anos depois. Então, vocês vão ver que várias das coisas que fiz têm relação com a minha história, inclusive minha história infantil, minhas histórias de análise. Bom, isso tudo foi me despertando nesse pensar, quase um trabalho psicanalítico, de rever no *après coup*, o que se fez, o que se abandonou e que coisas tiveram sentido.

Eu vivia na cidade de Castelar, a 15 quilômetros de Buenos Aires, e, quando era pequena, meus pais não queriam que eu viajasse de trem para estudar. Então, frequentei a escola onde morava, uma escola pública e mista. Nessa cidadezinha só tinha uma igreja, uma escola de freiras

e uma outra de padres, para homens. Meus pais eram muito liberais, pessoas muito bacanas, que sempre impulsionaram o desejo de sermos livres e de escolher nossos caminhos. E eles não achavam legal que eu fizesse uma escola separada por gêneros. Havia uma única escola mista na cidade, cujos diretores – e por isso era mista – eram do Partido Comunista. Meus pais não tinham nada a ver com esse Partido, eles não militavam na esquerda. Era uma família amorosa, mas uma família burguesa que queria a melhor educação para os filhos.

Nessa época, se fez uma manifestação de luta pela educação laica e livre, e os diretores da escola levaram os alunos. Foi minha primeira experiência política na rua. Comecei a entender que certas questões tinham que ser processadas coletivamente, que não adiantava comentar em casa, discutir, que tinha uma dimensão maior que essa, que era poder se juntar com as pessoas que, de alguma maneira, queriam as mesmas coisas. Então, chegamos lá com 13 anos, em uma manifestação enorme.

PERCURSO Você entendia o que estava acontecendo?

ANA SIGAL Totalmente. Já tinha vivido essa situação, porque meus pais, que eram judeus, também não queriam uma escola religiosa. Eu era a única aluna que era retirada da sala de aula para fazer o que se chamava de classe de moral. Todo mundo fazia aula de religião, e eu fazia classe de moral. E quando eu voltava, a professora dizia: “Recita o Pai Nosso!” Ia para a classe de moral, mas tinha que recitar o Pai Nosso. A luta pela educação laica e livre trazia um sentido particular, não era qualquer luta.

PERCURSO Existiam escolas judaicas?

ANA SIGAL Quicá na cidade existiam, mas meus pais não eram religiosos. Não me lembro de ter ido a uma sinagoga quando criança, não me lembro de ter sido educada em uma religião, mas sim em uma ancestralidade, de pertencimento a um povo, muito respeitoso no sentido das origens.

Enfim, meus pais queriam que eu fizesse uma escola laica. Isso depois vai ter suas repercussões, mas a questão religiosa não foi um fato que me marcou tanto. O que me marcou muito foi a questão ideológica. Então, comecei na política aos 13 anos. Isso me despertou uma consciência da necessidade coletiva, e comecei a me ligar aos problemas e às formas de vida de todos os que estavam em volta. A escola não tinha uma educação de ideologização de esquerda, eram muito cuidadosos, mas, apesar disso, comecei a me interessar pelos problemas de quem estava em volta e comecei a sentir a necessidade de não olhar só para a minha própria vida. Acho que essa é uma marca que, até hoje, tem uma força muito grande para mim.

Aos 15 anos, me tornei presidenta do Centro Acadêmico. E, como presidenta, discutíamos, era uma época muito efervescente. Criamos o que chamamos de “Bolsa do Livro”. Tratava-se de juntar todos os livros dos alunos do primeiro ano, do segundo ano, para passar para os novos alunos, porque tinha gente que não podia comprar livros. Então, já começa uma atividade na qual a preocupação pelo outro tem uma marca central. Eu tive participação política no decorrer da minha história, tanto como cidadã como com a política institucional. Se vocês veem meus escritos ou acompanham a minha história dentro do Sedes, eu sempre fui muito engajada na luta da política institucional dentro da psicanálise.

PERCURSO Você cursou Psicologia lá na Argentina?

ANA SIGAL Sim, fiz Psicologia. Eu ia fazer Biologia, mas no último dia eu avisei meus pais que estava mudando de carreira e que ia fazer o exame para Psicologia, e entrei na UBA (Universidade de Buenos Aires). Meus pais sempre tomaram o gesto de desafio como algo interessante dentro da família, nunca foram de impor as coisas, sempre deram liberdade. Imaginem, aos quinze anos eu tinha moto, andava de Vespa na cidade! Então, devo muito a eles.

Acho que não podemos deixar de mencionar, mesmo que seja no institucional, a gratidão



me formei em uma época em que as lutas anticolonialistas estavam em alta, as revoluções nacionais e os pequenos levantes que tentavam romper com o imperialismo. Época da libertação da mulher, em que a pílula começou a ser aquilo que separava o prazer da obrigação da maternidade

que temos, tanto pela família da qual a gente veio, quanto pela família que formamos, que para mim também é uma coisa que tem sido muito importante. Então, eu diria que minha vida está marcada pela luta política, pela política institucional, pela política dentro da psicanálise e pela dedicação à minha família. Um tema que hoje em dia está muito reativado, porque como faz uma mulher para poder se desenvolver em tantas áreas?

Mas me desenvolvi numa época frutífera e pela qual tenho gratidão também. Não como coisa religiosa, mas como saber aproveitar aquilo que recebi e devolver, à medida que eu podia, aquilo que tinha contribuído para a minha formação.

Me formei em uma época em que as lutas anticolonialistas estavam em alta, as revoluções nacionais e os pequenos levantes que tentavam romper com o imperialismo. Época da libertação da mulher, em que a pílula começou a ser aquilo que separava o prazer da obrigação da maternidade, e a gente podia curtir uma sexualidade mais aberta. Me criei na época dos hippies, que também têm uma marca na minha vida. Eu pertenci a um grupo de amigos que valorizava a luta pela liberdade e de aproximação à terra.

Me casei em 1966, no mesmo ano em que terminei a faculdade. E minha formação psicanalítica começou com a formação de psicóloga, na própria universidade. As pessoas mais avançadas da Sociedade de Psicanálise se dispuseram, naquele momento, a abrir a psicanálise para o mundo, para



Sentimos o golpe da ditadura no último ano em que estava me formando porque fecharam a faculdade. As últimas três matérias eu não conseguia fazer porque não tínhamos professor. Para resolver a questão, eles puseram alguns professores médicos

não a deixar fechada na própria instituição. Então, grandes professores didatas da Sociedade foram dar aula na faculdade. Tive professores como o José Bleger, o David Liberman, que era uma pessoa abertíssima. Enfim, vários psicanalistas didatas que nos formaram.

Me lembro do exame de psicanálise, no segundo ano, em que me fizeram uma pergunta que nunca mais esqueci, porque eu tinha sublinhado todo o programa, menos um item. E o psicanalista, com um bom olho, obviamente, disse: “Você aqui não sublinhou a diferença entre o ego ideal e o ideal do ego. Você poderia nos falar desse tema?”. Eu não tinha sublinhado porque achava muito difícil. E depois fui pesquisar muito na minha vida, para responder àquela pergunta.

PERCURSO É uma pergunta eterna.

ANA SIGAL Então, minha formação foi bem psicanalítica dentro da psicologia. E eu me formei em 1966, ano em que houve um grande golpe de Estado, sofrido por Umberto Illia, o primeiro golpe de Estado da minha vida. Este se iniciou com o que se chamou a Noite dos Bastões Longos. Os policiais faziam corredor polonês, por onde a gente tinha que passar e eles batiam com os cassetetes. Foi a primeira invasão à Universidade e foi a primeira grande emigração de cérebros e de psicanalistas para o mundo afora. Os intelectuais, os professores universitários, as pessoas que tinham uma vida intelectual rica

e atuante tiveram que sair do país porque foi uma ditadura sangrenta.

PERCURSO Dava para sentir que isso ia acontecer?

ANA SIGAL Dava para sentir, mas não nos tocava tanto. Tínhamos uma vida paralela, que era a vida interna da universidade, era um reduto de liberdade. Com todos os professores tínhamos um espaço de muita liberdade de pensamento e trabalho. Sentimos o golpe da ditadura no último ano em que estava me formando porque fecharam a faculdade. As últimas três matérias eu não conseguia fazer porque não tínhamos professor. Para resolver a questão, eles puseram alguns professores médicos, e me lembro de que o professor de psicopatologia era um médico daqueles que fazem autópsia, um legista, e ele me perguntou, em uma prova, qual era a localização do eu no cérebro. Imagine essa pergunta para alguém que tinha feito uma boa formação psicanalítica. Eu respondi: “A psicanálise é uma coisa, mas a neurologia diz que a área pré-frontal é muito importante...”, enfim, fui aprovada no exame.

A minha formação como analista teve uma característica particular porque fiz uma formação independente. Não fiz formação em nenhuma escola, em nenhuma instituição. Primeiro, porque, naquela época, a Sociedade de Psicanálise só aceitava médicos, não aceitava psicólogos ainda, e, quando abriu, já existia o grupo Plataforma, para onde foram as pessoas da Sociedade de que eu gostava, então já não fazia nenhum sentido entrar.

Comecei a trabalhar no Hospital das Clínicas de Buenos Aires, que pertencia à UBA. Na enfermaria de pediatria tinha uma sala de psicopatologia que atendia a todas as necessidades do hospital, além de um serviço externo. Comecei a clinicar e tínhamos supervisores e professores privilegiados. Tinha o Rodrigué, que depois foi meu analista; a Mimi Langer, que também depois foi minha analista; a Marta Bekei, que era diretora; o Moscio, a Raquel Soifer, que era bem conhecida, bem kleiniana, e depois veio para o Brasil. Foi uma formação marcada a partir da prática

institucional, que também incluía supervisões e seminários clínicos.

E, independentemente disso, eu também fazia meus seminários clínicos por fora, com membros da Sociedade de Psicanálise. Então, fiz uma imensa quantidade de grupos de estudos com didatas. E eu me analisei com um didata, Alejo Delarosa, durante 10 anos, minha primeira análise.

Interessante como as histórias reverberam, porque o fato de não entrarem psicólogos nas Sociedades de Psicanálise naquela época, eu vejo como um ressurgimento na minha luta por uma psicanálise leiga, no Movimento Articulação. Nunca tinha pensado nisso. Sempre pensei que eu estava no Articulação porque era um movimento político interessante. Mas agora, refletindo sobre a história...

PERCURSO E a luta pela educação laica, quando adolescente, não?

ANA SIGAL A educação laica e leiga, exato. Nessa eu não tinha pensado. Obrigada pela interpretação. Tive um episódio com o meu analista quando estava fazendo a minha formação analítica no hospital. Ele me disse: “Olha, você como cidadã está de alta, mas se quiser ser psicanalista, vai ter que entrar na Sociedade de Psicanálise e fazer uma análise didática”. Eu falei: “Mas não posso entrar na Sociedade de Psicanálise”; e ele disse: “Então dedique-se a outra coisa”. E assim terminou a minha análise.

Também me pus a pensar, anos depois, por que lutei tanto contra a análise didática, por que tive tanta oposição a uma parte política da Sociedade de Psicanálise, não à Sociedade como um todo, mas a organização política da formação. E fui percebendo que tudo tem pontos-chave na história. Pois, já que não fazia análise didática, então eu não podia fazer formação psicanalítica. E eu estava fazendo formação psicanalítica e estava engajada no hospital.

Trabalhei no hospital de 1966 a 1971, até o momento em que viajei para a Europa, para onde fui com meu marido passar uma temporada, depois de uma grande ditadura na Argentina.



*também me pus a pensar,
anos depois, por que lutei tanto contra
a análise didática, por que tive tanta
oposição a uma parte política da
Sociedade de Psicanálise,
não à Sociedade como
um todo, mas a organização
política da formação*

Ficamos um ano e três meses. Vivíamos em uma Kombi, onde dormíamos e cozinávamos.

Viajamos para a Espanha, depois para a Alemanha e aí compramos a Kombi usada, velha, que quebrava o tempo todo, porque é isso que os hippies faziam. Um passava para o outro o carro que já mal andava. Mas foi uma experiência maravilhosa, me deu uma percepção de um mundo completamente diferente.

Eu parei nos melhores endereços. Estacionava na porta do Palácio de Buckingham, na porta da Coupole, em Paris, e lá vivíamos, uma vida.

PERCURSO De privilégio (risos).

ANA SIGAL Sim, com muito pouco dinheiro! Sentia as pessoas muito abertas. Às vezes nem precisávamos dormir no carro porque todo mundo abria a casa. Ninguém tinha medo do que vinha de fora. Foi uma experiência maravilhosa e marcante!

Nesse período, morei um tempo em Londres, três meses no início e mais três meses depois. E fiz Tavistock. Não a formação, mas fiz cursos e seminários. Eu estudei com David Malan, que era um especialista em psicoterapia breve, com Herbert Phillipson, com a Martha Harris. Também entrei em contato com David Cooper e Ronald Laing.

PERCURSO Isso foi muito inovador, não é?

ANA SIGAL Era de uma força... teórica, pulsional, amorosa, que te desmontava por momentos,



*desde que me formei
até 1971, trabalhei também
na Faculdade de Psicologia
como professora assistente
de Maria Luíza Ocampo, de técnicas
projetivas. Ela foi muito importante
para minha formação, pois também
foi minha supervisora*

mas foi um privilégio. Na mesma época, Basaglia estava na Itália, também criando o movimento de antipsiquiatria.

Eu sempre tive essa conjunção de elementos: de um lado, um “hippismo” disruptivo, de morar no carro, e do outro, viver coisas muito estáveis, como fazer formação e participar de seminários na Tavistock. Eu também assistia às assembleias da comunidade terapêutica e percebia como trabalhavam com muita liberdade e com um pouco de loucura.

Desde que me formei até 1971, trabalhei também na Faculdade de Psicologia como professora assistente de Maria Luíza Ocampo, de técnicas projetivas. Ela foi muito importante para minha formação, pois também foi minha supervisora. Ensinávamos os testes de Rorschach, o de relações objetais de Phillipson, CAT para crianças e, em um livro organizado por ela, escrevi meu primeiro artigo, “A hora do jogo diagnóstico”. Ela se exilou no mesmo ano que eu, em 1976. Na repressão, mataram o filho dela quando veio para o Rio de Janeiro, em um luto tremendo.

Também tive um trabalho longo no Hospital das Clínicas, no setor de psicopatologia e com crianças. Durante esses anos, sempre trabalhei muito ligada à questão infantil.

Desde o começo do meu exercício profissional, estive no campo da transmissão. Além de ser professora assistente na faculdade, em 1969, passei num concurso no hospital para ocupar o lugar

de supervisora. Também já tinha sido contratada para dar supervisão no hospital para grupos que estavam fazendo formação.

PERCURSO Como foi seu trabalho e seu envolvimento político desde que você voltou da Europa até decidir se exilar?

ANA SIGAL Voltamos no final de 1972. No começo de 1973, já estava praticamente saindo a ditadura, e começou a se organizar a volta de Perón. Nessa época, começa a surgir muito fortemente a luta política na Argentina. Nunca ingressei nos âmbitos da formação exclusivamente partidária, mas ingressei nas equipes político-técnicas, que eram um braço do peronismo que acolhia intelectuais que, a partir da especificidade de sua técnica, faziam ações políticas. Então trabalhei durante muitos anos, até ter que praticamente me exilar dentro da Argentina, e depois ter que me exilar aqui. Atuei durante muitos anos, trabalhando em cortiços, atendendo a população desde as nossas especificidades de política-técnica. A gente ajudava as mães a lidarem com os filhos, ajudava na formação frente à angústia da pobreza e do que estava acontecendo. Foi um trabalho muito interessante, com boas experiências, inclusive de ter tratado pessoas que, por sua condição política, não podiam se tratar em qualquer lugar público. Atendíamos em bares e outros lugares, e fazíamos todo um trabalho para eles poderem suportar a luta política que estavam fazendo. Então, já era um engajamento político-técnico, mas sempre muito ligado à política. Mário Fuks fazia parte desse grupo.

PERCURSO Quando você conheceu Mário Fuks?

ANA SIGAL Eu o conheci na faculdade, o Mário tinha uns três ou quatro anos mais do que eu e era professor na Faculdade de Psicologia. Ele era um dos coordenadores junto com outras pessoas, como o José Bleger. Depois, quando teve que contratar gente para um serviço de Psicologia Médica, o Mário se lembrou da minha formação, da faculdade, e me chamou para trabalhar com eles. Fizemos um trabalho lá muito lindo, bem diferente.

Nós criamos uma coisa muito importante, que eu lamento muito que não tenha se repetido na história da psicanálise, pelo menos do que conheço. Nós criamos o serviço de atendimento vespertino, que eu dirigia. Era um serviço que abria às sete da noite e ia até às dez da noite, e atendia trabalhadores depois da jornada de trabalho. Eles não precisavam dizer que estavam em terapia para não ter uma marca no trabalho. Diziam que iam ao hospital, podiam levar seus filhos para serem atendidos. Montamos uma equipe bem interessante. Também ensinávamos psicanálise para os médicos, fazíamos grupos Balint. Não conheço outros lugares aqui no Brasil que tenham atendimento noturno, é uma coisa bacana para pensar e estruturar, até na clínica do Sedes.

O Mário também pertencia à Juventude Peronista, que era uma facção de esquerda do peronismo. Tínhamos também uma formação política, estudávamos marxismo. Éramos engajados com a política e psicanálise.

PERCURSO Qual foi o momento no qual você resolveu sair da Argentina, e como foi sua vinda para cá?
ANA SIGAL A situação na Argentina foi ficando muito feia. Depois de minha volta da Europa, começamos a ser perseguidos pela direita nacional, a direita peronista, que tinha grupos como o Comando de Caça aos Comunistas, aqui. Eles sequestravam, matavam, estouravam lugares. Eram paramilitares. Eu estava em uma última conferência em que trabalhei, na qual coordenei uma mesa com o Gregório Baremlitt, no Centro de Investigação e Docência, na Federação de Psiquiatras, cheio de gente, quando recebemos uma ameaça de bomba. Isso foi em julho de 1974. O perigo começou a ficar muito grande, apesar de não ser ainda o tremendo golpe militar que aconteceu depois, em 1976.

Nessa mesma época, meu marido se tornou, de um dia para o outro, o Decano da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Buenos Aires. Durante o governo de Isabelita, o então Decano, que era um homem mais velho, começou a se sentir pressionado e resolveu renunciar. Meu



*a situação na Argentina
foi ficando muito feia. Depois de
minha volta da Europa, começamos a
ser perseguidos pela direita nacional,
a direita peronista, que tinha grupos
como o Comando de Caça aos
Comunistas, aqui. Eles sequestravam,
matavam, estouravam lugares*

marido, que era o Secretário Acadêmico, assumiu o posto. E quando meu marido era o diretor da faculdade, os paramilitares colocaram uma bomba no apartamento do Reitor da Universidade e mataram seu filho, um bebê de um ano. E vejam, não estamos falando de facções armadas, estamos falando de profissionais que se dedicavam a uma abertura democrática. Existiam as associações clandestinas, os Montoneros, que eram grupos extremistas, mas nós não participávamos.

Depois disso, meu marido precisou se exilar dentro de casa durante dois anos, de 1974 a 1976. Tivemos que mudar de casa e eu, que trabalhava como psicanalista, tive que mudar de consultório.

PERCURSO Você já tinha filhos?

ANA SIGAL Não. Justamente nesse ano, em 1974, resolvi engravidar. Tive minha filha Bárbara aos 32 anos. Foi a época em que tive que me exilar na minha própria casa, meu marido mais do que eu, porque ele era uma figura pública, eu era professora universitária, mas não tinha nenhum cargo muito importante, a não ser assistente da diretora de psicologia.

No dia em que nasceu a Bárbara, o médico disse: “Quanta gente na sala de espera, vieram visitar?”. E eram todos os diretores da universidade, que não tinham onde ficar. E estavam na sala de espera do hospital, onde eu acabava de ter a Bárbara. Foram anos difíceis. Mas eu consegui continuar atendendo. Não estava mais trabalhando



*era importante
para nós termos uma filha
brasileira. Meus três filhos só me
dão satisfação na vida, realmente.
Foi outro mergulho importante
para mim, meu lugar como mulher,
meu lugar como mãe*

na faculdade. Era perigoso sair para trabalhar, porque estávamos na agenda de qualquer pessoa, de um paciente, de qualquer conhecido. Em janeiro de 1976 nasceu Pablo, meu outro filho. Depois de chegarmos ao Brasil, tivemos a Bianca. Era importante para nós termos uma filha brasileira. Meus três filhos só me dão satisfação na vida, realmente. Foi outro mergulho importante para mim, meu lugar como mulher, meu lugar como mãe, como constituidora de uma família conforme tínhamos pensado.

Quando nasceu Pablo, eu estava em análise com Marie Langer e perguntei: “Mimi, o que é isso? Eu estou louca? Eu demorei dez anos para ter filhos e vou ter dois filhos na pior época da minha vida. Nós estamos exilados em um apartamento”. Um dia meu marido me ligou e falou: “Joga a biblioteca fora que podem ir aí em qualquer momento”. Eu estava com a barriga enorme, jogando livros fora.

Marie Langer me respondeu: “Não, você está muito sadia. É nos momentos de luta e de resistência que a gente engravida, e quer ter filhos para o futuro. Você está apostando no futuro. Então vamos em frente!” Bom, foi uma interpretação que me valeu muito, para o resto da vida. Nessa época, também fazíamos terapia de casal, para enfrentar os problemas que tínhamos com tudo isso.

Parte de nossa biblioteca foi parar na casa de campo dos meus pais, e teve que ser queimada por eles, pois não tinham como distinguir o que era

de psicanálise, o que era perigoso, de esquerda. Tiveram que queimar porque as casas de todos os pais estavam sendo invadidas. Era uma época muito, muito ruim. Meus pais sempre apoiando, não participavam da nossa ideologia, mas apoiavam. Por isso digo que tenho muita gratidão, porque eles nos deixaram ser. Nunca nos obrigaram a abandonar nossos princípios.

Assim chegou 1976, e continuávamos trabalhando no Centro Político Técnico e no Centro de Investigação e Docência, que é um centro que se cria nessa época, a partir da Federação de Psiquiatras, a FAP, e que se junta com o Sindicato de Trabalhadores da Saúde Mental e criam um curso de formação no campo psi, em que fui convidada a ser docente. Tínhamos três mil pessoas fazendo o grupo.

Segui lecionando lá até 1976, mas várias pessoas dentro da universidade já estavam sendo mortas. Nós estávamos completamente exilados dentro do próprio país, mas sem nenhuma vontade de sair. Até que, em março de 1976, aconteceu o golpe de Estado chefiado por Jorge Rafael Vidella, que derrubou Isabel Perón da presidência. Um golpe de Estado que, como vocês sabem, foi sangrento, com 30 mil desaparecidos. Nenhum dos colegas universitários do meu marido, da cúpula, sobreviveu, meu marido foi o único. Apesar da violência à qual estávamos submetidos, continuávamos trabalhando, criando filhos, lutando por um país e uma América Latina melhor.

Enfim, a gente tinha muita esperança, não é? Acho que isso é uma coisa que aprendemos, e que o Mujica diz: tem duas coisas importantes na vida, cair e saber levantar-se. E outra, apostar na esperança. Caímos e nos levantamos várias vezes e apostamos na esperança, porque foram anos bem difíceis. E finalmente decidimos nos exilar no Brasil. Nessa época, falava quase que diariamente com Mário. Ele me perguntava: “Ana, ainda estão aí?”. Eu falava: “Sim!”, e ele também decidia ficar. Quando comuniquei a ele que tínhamos resolvido nos exilar, ele também o fez com sua família.

PERCURSO O seu marido estava mais em perigo?

ANA SIGAL Ele estava muito implicado, por ser o Decano da faculdade, e eu, nessa época, quando nasceu meu segundo filho, estava muito apavorada. A decisão foi minha, mas a responsabilidade do exílio foi dele. Eu falei: ou vamos ou vamos.

“Para onde vamos?” “Olha, vocês só podem ir pro Brasil”. Era uma conversa com uma pessoa para discutir este tema. “Mas o Brasil ainda é uma ditadura”. “Sim, mas se vocês não têm passaporte, só podem ir para um país fronteiro”. No Chile estava o Pinochet. Na Bolívia havia uma ditadura. No Paraguai estava Stroessner. Então, só podíamos ir para o Brasil. Viemos de mala e cuia, não conhecíamos o idioma, não era um lugar de escolha. Na época, Mário e a Lucía Fuks, e outros, pensavam em ir para o México ou para a Espanha.

PERCURSO Como foi a vinda de vocês para o Brasil.? Quem vocês procuraram quando chegaram aqui?

ANA SIGAL No verão de 1971, antes de ir para a Europa, nós viajamos para o Peru. Também fomos para Machu Picchu, em um trem até a montanha, fizemos a viagem que todo mundo fazia. Ficamos uma semana, passeando nos sítios arqueológicos incas, e conhecemos um grupo de brasileiros. Nesse grupo, tinha uma pessoa que foi muito importante quando chegamos aqui, que se chama Cláudio Fonseca, um arquiteto. Nós estávamos lá na montanha quando um brasileiro teve uma apendicite, e não podia descer no trem regular que transportava as pessoas, porque demorava seis horas para descer. O trem dos turistas demorava 45 minutos, mas não o deixavam embarcar. Então nos sentamos todos nos trilhos do trem, os brasileiros com os argentinos nessa luta militante, e impedimos a saída do trem até que resolveram levar o brasileiro e salvar a vida desse menino que, como a gente, estava viajando.

Meu marido veio para o Brasil 15 dias antes de mim. Ele saiu por terra, com risco de ser pego na fronteira, mas conseguiu sair. Não conhecíamos ninguém no Brasil, aí lembramos: “Como não?”. “E a história do menino brasileiro do trem?!” Ele chegou à rodoviária e foi procurar



eu falei: ou vamos ou vamos.

“Para onde vamos?”. “Olha, vocês só podem ir pro Brasil”.

Era uma conversa com uma pessoa para discutir este tema. “Mas o Brasil ainda é uma ditadura”. “Sim, mas se vocês não têm passaporte, só podem ir para um país fronteiro.”

os brasileiros do trem e encontrou o Cláudio Fonseca, que nos recebeu de braços abertos e conseguiu um apartamento para nos instalar, com dois filhos, as malas, e os 500 dólares que tínhamos para viajar, só. Nossos pais ajudaram, mas pensavam que era coisa de 20 dias, não sabiam até quando íamos ficar. Em uma dessas casualidades da vida, desses acasos maravilhosos, descobrimos que o Cláudio era primo do marido de Amazonas Alves Lima, uma psicanalista da Sociedade que trabalhava com crianças. Ela nos recebeu em sua casa e nos apresentou Regina Chnaiderman, que se tornou uma grande amiga.

PERCURSO Como foi esse encontro com Regina Chnaiderman?

ANA SIGAL É realmente emocionante pensar sobre o que são essas alianças que estão por cima das pequenas diferenças. Regina abriu sua casa para nós. A Miriam Chnaiderman era uma jovem estudante, estava começando a formação de psicanálise e foi uma parceira. Sua filha, Luana, tinha a idade da minha filha. Isaías Mehelson também nos recebeu de braços abertos. O aniversário de um ano do meu filho foi feito já na minha casa, com um bolo e uma vela, com a turma que estava ao redor da Regina, com quem ela fazia um grupo de estudos. Nessa época, estavam Bela e Sérgio Sister, Marilene Carone, Marilsa Taffarel, Sandra Moreira... enfim, não vou me lembrar de todos. Era uma turma grande que trabalhava no mesmo



são acasos. Poderiam não ter acontecido. No momento em que cheguei, em julho de 1976, estavam começando a formar o Sedes, ainda na rua Caio Prado, e Regina me convidou a trabalhar na criação do curso de psicanálise

prédio em que Regina tinha consultório. Eles faziam formação com ela, já estudavam psicanálise há muitos anos e se reuniam na casa dela. Então, Regina me convidou para participar desse grupo de estudos, mas ela não sabia quem eu era profissionalmente, me acolheu pela questão humanitária, política. Ela disse: “Olha, nós temos um grupo de estudos semana que vem e vamos trabalhar um artigo de Abraham, sobre a depressão. Se você quiser preparar, nós vamos discutir”. Eu já tinha estudado Abraham, consegui o livro emprestado e fui à tal reunião, quase com o mesmo medo que tive vindo hoje aqui! Eu me apresentei, comecei a falar, a fazer algumas intervenções, e no meio da conversa, Regina diz: “Agora a Ana Maria vai dirigir o grupo”. Minhas intervenções tinham sido acertadas e ela detectou que eu tinha muita formação. Nas semanas seguintes, fui procurada para dar supervisão, para dar um grupo de estudos de criança, e logo já tinha três grupos de estudos no consultório. Aí começou a minha vida profissional de transmissão no Brasil.

No primeiro ano, eu não trabalhei com pacientes, não entendia a língua, não falava português. Mas o pessoal daqui falava muito bem o espanhol, lia muito Freud em espanhol, nos entendiam perfeitamente. Foi maravilhoso, em três meses me mudei daquele apartamento para Higienópolis, um edifício na Rua Sabará, que se transformou depois em uma espécie de consulado para todos os exilados que chegavam. Comprei

um carro, com Regina como fiadora, e já tinha trabalho aqui no Brasil.

PERCURSO Muito rápido, não é?

ANA SIGAL Foi muito rápido. Por isso que digo que são esses acasos na vida que te abrem portas, e pelos quais você tem que agradecer, porque são acasos. Poderiam não ter acontecido. No momento em que cheguei, em julho de 1976, estavam começando a formar o Sedes, ainda na Rua Caio Prado, e Regina me convidou a trabalhar na criação do curso de psicanálise. Não vou contar como se dá a história do Sedes, que já está registrada em um livro tão bonito e tão bem escrito. Em 1977, o Sedes muda da Rua Caio Prado para a Rua Ministro Godói, e aí começa o curso mesmo, com alguns alunos, com alguns professores, com alguns alunos sendo professores. Nesse ano, chega o Mário. Eu ainda era a única argentina nesse grupo. Isabel Vilutis, que já havia chegado ao Brasil, ainda não estava em contato com esse grupo. Ela veio na mesma época que nós, o marido dela era diretor da escola secundária da universidade. Todos ligados à universidade eram mais perseguidos, como meu marido. Não combinamos a saída, mas soubemos depois que tínhamos saído juntos. Eu tinha um consultório na Rua Maranhão, que Amazonas Alves me emprestava, onde fiquei até me mudar para o atual. Um dia, saindo do consultório encontrei Lucía Fuks, por acaso, no bar da esquina. “Você está aqui!” Todo mundo numa alegria de ver que o outro estava vivo e aqui! Mário e Lucía tinham se instalado na casa do irmão da Lucía, que era médico e vivia no Brasil. Aí, eu os apresentei para Regina, e começaram a trabalhar no Sedes. Logo depois nos encontramos com Silvia Alonso, e ela também se incorporou ao grupo de professores. Assim se constituiu o grupo de argentinos. Naquela época, eu dava psicanálise de crianças no segundo e terceiro ano do curso.

PERCURSO Naquela época tinha psicanálise de criança no programa do curso?

ANA SIGAL Naquela época tinha. São muitas histórias, inclusive eu ajudei na montagem do curso de

Psicanálise de Crianças, do Sedes, que ainda não existia, e eu achava que era importante ter. Então, Afrânio de Matos Ferreira, Maria Cecília Comparato, Gilda Noveschi, todos eles vieram ao meu consultório trabalhar juntos no programa do curso.

PERCURSO Na área da psicanálise com criança você tem um pioneirismo aqui no Brasil. Queríamos saber sobre os primórdios da discussão sobre a inclusão dos pais no tratamento da criança no meio psicanalítico brasileiro, e como você vê o avanço dessa inclusão nos dias de hoje?

ANA SIGAL Eu tinha uma formação puramente kleiniana e freudiana, que não era suficiente na minha clínica. As minhas pesquisas sempre partiram das inquietações que eu tinha na clínica, e eu ia em busca de conceitos, de pensar, e assim comecei a pesquisar. E pesquisando, claro, conheci Maud Mannoni, não a pessoa, mas os textos. Comecei a estudar e a me aproximar do lacanismo, e eles tinham uma outra linha de trabalho, que era o trabalho com os pais. Eles não aceitavam uma criança em análise sem antes fazer um longo trabalho com os pais, para motivar a demanda de uma forma adequada.

Estudei muito, conheci bem a obra de Mannoni, já conhecia bem a obra de Melanie Klein, e aí pensei que nenhuma das duas me satisfazia na clínica. Nessa época, também conheci Laplanche, e a ideia que eu tinha sobre a inclusão dos pais tem muito a ver com o trabalho dele, as mensagens enigmáticas, o materno. Então, comecei a juntar o que tinha assimilado de Laplanche, de Mannoni, de Melanie Klein, cada um me servia um pouco. Então, baseada no trabalho de Laplanche, da implantação dos primeiros elementos pulsionais na criança, e dos significantes enigmáticos que ficam na mãe e a criança não consegue decifrar, que vão formar parte do recalado, principalmente do primário, na criança, comecei a pensar de que maneira eu poderia incluir isso na prática.

Comecei a fazer uma prática clínica absolutamente nova, disso tenho certeza, porque existiam os psicanalistas que trabalhavam com os pais, ou os psicanalistas que trabalhavam com a criança,



*mas qual era a característica
pioneira dessa experiência?*

*Era a de que eu propunha
que os pais fossem incluídos
na sessão, e, além de incluídos,
tinham que ser interpretados.*

Bom, isso causou um auê!

ou os psicanalistas que faziam entrevista com os pais, mas não junto com a criança. Eu sentia que me faltava a palavra dos pais na presença da criança, para que os pais pudessem falar aquilo que a criança não podia falar. Pois o que era da ordem do recalamento primário não era acessível; fazia sintoma, mas ficava fora da possibilidade de entrar em um esquema simbólico. Então, comecei a fazer algumas tentativas.

Mas qual era a característica pioneira dessa experiência? Era a de que eu propunha que os pais fossem incluídos na sessão, e, além de incluídos, tinham que ser *interpretados*. Bom, isso causou um auê! Tanto que, uma vez, uma pessoa que fazia supervisão comigo, e que também fazia supervisão com outro colega, conta para o colega que na supervisão com Ana Maria Sigal ela propunha que a mãe entrasse na análise do filho. E ele disse: “Não, Ana Maria Sigal não pode ter dito isso, jamais faria uma coisa dessas. E o sigilo terapêutico? E a privacidade da criança?”. Começaram a dizer que não podiam aceitar, e eu fui muito convocada a falar e a escrever sobre isso. Qual era o sentido de incluir os pais? O sentido não era entrar na análise da criança, mas nomear aqueles elementos que eram irradiados e transmitidos inconscientemente aos filhos, fazendo ruído e emitindo ondas. Algumas ondas chegavam a se conformar em sintomas, e as intraduzíveis ficavam como recalado primário.

Aí acontece o pulo para a minha segunda linha de pesquisa, que é sobre o originário e o



*a clínica lhe propõe
uma dificuldade, você tenta
superar essa dificuldade,
não adere cegamente a nenhuma
teoria, precisa ter a liberdade interna
para poder fazer das teorias a sua
teoria, e então verificar na clínica*

recalcamento primário. Tudo a partir da clínica. A clínica lhe propõe uma dificuldade, você tenta superar essa dificuldade, não adere cegamente a nenhuma teoria, precisa ter a liberdade interna para poder fazer das teorias a sua teoria, e então verificar na clínica. A psicanálise não é uma ciência, mas tem um nível de verificação do conhecimento que passa por outras vias, que não é pela via quantitativa da experiência laboratorial. Vai pelas vias da experiência clínica e da singularidade que cada elemento tem para se desenvolver de uma forma determinada.

Bom, aí comecei a trabalhar, escrever e ensinar sobre isso. E foi se fazendo um burburinho: “Não, mas isso é um disparate”. “Como você diferencia a análise do pai ou da mãe, da análise da criança?”. Não é fácil, e às vezes nem se diferencia, às vezes podemos errar. Mas o ganho que a criança tem, quando a mãe pode nomear nela algo que para ela é inominável por ainda não ter referencial simbólico, faz toda a diferença.

No meu livro *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*, conto o caso de uma criança cujo pai tinha se suicidado. A mãe já estava separada, casada com outro homem, quando o pai dessa criança se suicida. Eles escondem da criança o suicídio do pai, se mudam do Rio de Janeiro para cá, e a criança começa a produzir sintomas. Não saía de casa, não conseguia estudar. Eu atendia e não tinha forma de remover o sintoma, eu era uma pessoa experiente, mas não acontecia nada. Até

que um dia resolvi dizer para os pais que viessem a uma sessão para vermos se conseguiam sair do lugar em que estavam. A mãe e o padrasto vêm à sessão, e o menino não abre a boca. Eu não via nenhum progresso nesta coisa que tentei fazer. Terminando a sessão, marcamos a próxima, e o menino diz: “Eu não vou poder vir”. “Por quê?”, diz a mãe. “Porque é o dia da morte do meu pai”.

PERCURSO Você sabia que o pai tinha morrido?

ANA SIGAL Eu sabia, mas não podia contar. Era um segredo, não se pode contar algo que não foi revelado para a criança. O garoto sabia, tinha escutado. Sabia, mas não podia dizer que sabia. Então, precisou dos pais dentro da sessão para dizer uma coisa que não tinha nada a ver: “Eu não virei na próxima sessão”. E a mãe pergunta por quê.

Ele diz: “Porque é o dia da morte do meu pai”. E nem era! Mas então ele pôde falar que o pai estava morto. Bom, a partir daí o tratamento foi outra coisa. Eu não fui analisar os pais. Depois, fiz várias entrevistas para ajudá-los a contar, e pude ver como essa morte tinha feito sintomas neles próprios. Por isso não podiam contar, porque aparecia toda a patologia e a culpa da mãe, mas não interpretei. Também não interpretei o padrasto. Eu os incluí para trazerem, ou participarem de um discurso da criança que não era falado, e que não podia ser falado porque não tinha sido oficialmente revelado. E o menino pôde dizer: “Eu sei, viu?”.

PERCURSO Precisou estar dentro da sessão.

ANA SIGAL Estar lá dentro, e com a proteção transferencial do psicanalista, porque ele sozinho não conseguiria. Para mim, essa foi a prova da real possibilidade de os pais falarem das suas dificuldades, e de podermos interpretá-las na presença do filho. E eu diria que, hoje, todos trabalham assim, ou quase todos, alguns lacanianos mais rígidos seguem trabalhando só com os pais. Para mim, não funciona esse sistema. Eu ligava para um colega: “E aí, como vai a criança?” E ele: “Ainda estou fazendo entrevista com os pais porque não tem demanda”. Estava há seis meses lá e ainda

não tinha demanda para a análise da criança, e a criança ia piorando na escola. Comecei, então, a encaminhar para as pessoas que tinham feito formação comigo. Depois fundei um grupo de estudo de psicanálise de crianças, no Departamento de Psicanálise, com Paulo Jerônimo Carvalho, Ana Claudia Patitucci, Daniela Danesi, entre outros. E que continua funcionando. Começamos lendo *A tina*, de Laplanche, estudávamos todas essas coisas.

Eu gostaria de nomear, explicitamente, minha gratidão a Laplanche. Foi o estudo profundo de sua obra e o contato com ele que me permitiram ter coragem para avançar; e com Silvia Bleichmar, que também era muito ligada a ele. Ela estava exilada no México e eu aqui. Ela colaborou com um capítulo no livro *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*.

PERCURSO Falando na sua ligação com Laplanche, você disse que o encontro com ele lhe permitiu continuar sendo freudiana. O que condensa essa sua formulação e qual é a abertura clínica e teórica que você encontrou nele?

ANA SIGAL Bom, da clínica, já contei: entender o significante enigmático, o discurso do outro, o recalçamento primário e o que não pode ser simbolizado. Isso me abriu duas linhas. Uma é a pesquisa que fiz sobre o tratamento de crianças. E a outra é sobre o originário e sobre o recalçamento primário, que agora será publicada em um livro que reúne todos os meus artigos sobre essa linha de pesquisa. Eu tenho um artigo bem importante, que se chama “Francis Bacon e o pânico: um estudo sobre o recalçamento primário”, em que trabalho uma outra linha do recalçamento primário que se encaminha para pensar a formação das patologias atuais, que seriam as neuroses atuais, e que me ajudou em tudo.

PERCURSO E como ele lhe permitiu continuar sendo freudiana?

ANA SIGAL Justamente isso. Tive o meu primeiro contato com Laplanche em 1971, naquela viagem de carro. A Kombi na porta da casa do consultório



*eu gostaria de nomear,
explicitamente, minha gratidão
a Laplanche. Foi o estudo profundo de
sua obra e o contato com ele
que me permitiram ter coragem para
avançar; e com Silvia Bleichmar, que
também era muito ligada a ele*

dele e eu, de terninho, a visitar o doutor Laplanche. Meu sogro era editor na Argentina e queria editar suas obras. Mas, o mais importante era a minha paixão, porque na faculdade tinha conhecido o *Vocabulário de Psicanálise* e achado uma obra fantástica pelo seu nível teórico e sistemático. A capacidade dele me ajudava tanto a estudar, que eu disse: “Um dia vou conhecer esse homem”. Ele me recebeu e fizemos um contato que durou por muitos anos.

Trocamos muitas cartas em inglês, e ele costumava me corrigir no texto, dizendo que meu inglês não estava bom. Ele também me apresentou a Silvia Bleichmar, algo que foi muito significativo.

Em 1980, eu o reencontrei com a ideia fixa de levá-lo ao Sedes. Entendia que um local de formação, como o nosso, precisava ter um contato com esta figura que é verdadeiramente maravilhosa. Laplanche me permite continuar freudiana, pois ele não fala de um retorno a Freud. Ele fala de um retorno *sobre a obra de Freud*.

Eu publiquei um artigo na *Percursos*, uma entrevista que fiz em um congresso a que ele foi, em Buenos Aires, que se chama “Fazer justiça ao texto”, em que ele diz: “Eu tenho que voltar a Freud, mas tenho que voltar para fazer a obra trabalhar”. São duas coisas fundamentais na fala de Laplanche. Fazer a obra trabalhar e se voltar *sobre a obra*. Não retorno a Freud e sim, a partir de Freud, inventar outras coisas. Fazer a obra de Freud trabalhar e criar outras coisas a partir do



Francis Bacon foi um artigo muito importante para mim. Eu o escrevi a partir de uma outra viagem à Europa, em que tinha visitado uma retrospectiva dele. Entrei na sala e comecei a suar, a ter sintomas físicos, via os quadros e não podia falar sobre o que eles estavam dizendo

trabalho da obra freudiana. Então, ele me inspirou muito clinicamente, em tudo que pude pensar a partir da leitura de sua obra. Comecei a estudar muito, a ensiná-lo aqui, e todo esse esforço se corou com a vinda de Laplanche ao Brasil.

PERCURSO Em seus textos de 2001, *O arcaico e as patologias atuais* e *Francis Bacon e o pânico*, você aborda a questão da falha do recalque primário. Passados 23 anos, como você observa o cenário atual dessas patologias, e quais os grandes desafios para os analistas ao lidar com essas situações?

ANA SIGAL *Francis Bacon* foi um artigo muito importante para mim. Eu o escrevi a partir de uma outra viagem à Europa, em que tinha visitado uma retrospectiva dele. Entrei na sala e comecei a suar, a ter sintomas físicos, via os quadros e não podia falar sobre o que eles estavam dizendo. Então, disse para meu marido: “Está se vendo muito mais do que pode ser dito. Não consigo pôr em palavras”. E isso me ficou na cabeça: como é essa sensação física, quando você não consegue pôr em palavras aquilo que te impacta como uma flecha? Recorri a Deleuze, que trabalha o Francis Bacon. Ele diz coisas interessantíssimas, como, por exemplo, nos quadros de Bacon não há história, há pura presença, não há simbolismo, não há um querer dizer. É assim como o sexual pulsional da mãe ou dos adultos impacta a criança, como gostam de dizer os laplanchianos. A sexualidade materna se lança sobre a criança, a penetra,

a inunda, entra e faz marca. São os primeiros signos de percepção, primeiras marcas, mas que a criança não consegue, *a posteriori*, dar um sentido, ligá-los, fazer com isso uma história. São signos que se caracterizam só por ser presença. É excessivo para a criança. A sexualidade materna pode ter a característica de implantação ou de intromissão, o que dependerá do modo como a mãe lida com sua própria sexualidade. São as mensagens enigmáticas que a mãe dispara, que são passíveis ou não de tradução. O recalqueamento originário é aquilo que da mensagem enigmática vinda do outro não foi possível ser integralmente traduzido, integrado, metabolizado.

São inscrições que decorrem da marca da sexualidade do adulto, que debruça sobre a criança e seu mundo sexual inconsciente. Laplanche, ao incluir a alteridade no campo da fundação pulsional, nos fornece elementos para entender a fundação do sujeito psíquico. Aquilo que se inscreve no encontro com o outro funda o objeto-fonte da pulsão, determinando assim a forma em que a sexualidade do adulto faz marca no *infans*. A sedução materna e os significantes enigmáticos se tornarão internos e se transformarão em fontes autônomas de excitação, de pulsão.

A sexualidade implantada na criança é necessária. Segundo Laplanche se transforma no objeto-fonte da pulsão, ao incidir no corpo do bebê. A partir da maneira como essas marcas tramitam ou se traduzem e o modo como a criança faz novas ligações com outras experiências, seu mundo fantasmático irá se formando. Aquelas que não conseguem tradução ou tramitação permanecerão fixadas e serão a origem do recalque primário. Ficam como um corpo estranho, e assim não chegam à representação-palavra. São o que podemos chamar de representações-coisa. Teoricamente, essas marcas deveriam ficar sempre aí isoladas para ser polo de atração do recalque secundário. Sem esse recalqueamento primário, não haveria recalque secundário. Elementos desse recalque primário podem emergir como descargas sem palavras e produzir efeitos no corpo, como acontece nas patologias atuais. Laplanche

diz claramente que não é representação de coisa, não representam a coisa, são a coisa mesma. Ele escreve essa expressão com um hífen, representação-coisa e não representação de coisa como Freud as denomina.

PERCURSO O pânico em lugar da fobia?

ANA SIGAL Exatamente. Por que digo então de falha no recalque primário? Porque fez marca, se fixa, mas não fica totalmente recalcado. Porque se esse conteúdo ficasse totalmente recalcado, não faria sua aparição em estados corporais. Ele es-corra, escapa e aparece no corpo, porque não tem palavra para representá-lo. Freud nos alerta que é porque fracassaram em sua possibilidade de ligação que os elementos do recalque primário não favorecem ou facilitam a aparição da angústia sinal. Irrupendo então como energia não ligada e determinando, assim, um colapso do eu, acompanhado de descargas neurofisiológicas e distúrbios na possibilidade representacional. Em outras palavras, dá-se um desamparo do eu frente à invasão pulsional, um reencontro com o objeto-fonte da pulsão.

A síndrome do pânico teria características das neuroses atuais. É a emergência de algo que, como naquela exposição de Francis Bacon, não deveria ser visto. Está mostrando mais do que se deveria ver. Aparece como pura presença.

As neuroses têm história e são produtos do recalque secundário. O pânico é sem história, produto de falhas no recalque primário.

PERCURSO Em uma conferência na Universidade de São Paulo sobre gênero, você fala que gostaria de manter como inegociáveis os pilares fundantes da metapsicologia freudiana, que seriam o inconsciente, a pulsão com seus objetos vicariantes e a sexualidade infantil. Você disse que as novas teorias científicas, teoria do caos, teoria da complexidade têm se afastado do binarismo, do ativo-passivo, masculino-feminino, caminhando para o acaso, para o polimorfismo e para a diversidade. E que a teoria psicanalítica precisaria considerar o mundo em transformação. Então, como pensar,



*por que digo então
de falha no recalque primário?*

*Porque fez marca, se fixa,
mas não fica totalmente recalcado.*

*Porque se esse conteúdo
ficasse totalmente recalcado,
não faria sua aparição
em estados corporais*

dentro dessas transformações do mundo, a organização genital infantil e o complexo de Édipo?

ANA SIGAL Olha, eu acho interessante, porque eu escrevi bastante sobre os inegociáveis. Isso surgiu um pouco através dos trabalhos do Movimento Articulação, quando percebi o quanto é difícil delimitar o campo da psicanálise. Por isso, fiz questão de apontar quais são os elementos que não podem faltar em uma psicanálise. A palavra inegociável é vista por muitos como desagradável. Poderia ser uma palavra mais suave, mas eu sempre fui guerreira, viu? Esses inegociáveis são na metapsicologia: manter o conceito de inconsciente como o estrangeiro em mim, de pulsão e seu objeto vicariante e de sexualidade infantil como trilha pela qual transita o desejo. Na clínica, o conceito de transferência e de abstinência, no sentido de não desejar pelo outro. A meu ver, esses elementos não podem ser negados num discurso analítico.

Junto com essa conferência, há um trabalho que escrevi que se chama “A psicanálise ainda tem a dizer sobre a sexualidade infantil”. É um artigo muito crítico de como a psicanálise se apropriou mal da teoria de gênero quando ela quis pôr a teoria de gênero no lugar da teoria da sexualidade ou do processo de como virar sujeito sexuado.

O problema que acontece na leitura de Freud é não a contextualizar na sua época. Freud foi um cara muito aberto, muito capaz de transitar sobre diversos temas. Ao mesmo tempo que ele só podia



*Freud tem uma amplidão,
se encontram em sua obra
múltiplos elementos para entender
a diversidade sexual. Desde falar
do Édipo ampliado como as figuras
paterna e materna, como figuras
de identificação e de desejo
simultaneamente*

dizer em função de sua própria história, a relação dele com as mulheres, a relação dele com o pai. A teoria não é neutra, implica o tempo histórico em que se escreve e do sujeito que a escreve. É muito importante poder situar cada conceito. E se debruçar sobre ele para fazê-lo trabalhar; não se trata de um retorno a Freud, mas de uma volta sobre Freud.

Então, eu acho que Freud tem uma amplidão, se encontram em sua obra múltiplos elementos para entender a diversidade sexual. Desde falar do Édipo ampliado com as figuras paterna e materna como figuras de identificação e como figuras de desejo simultaneamente. Acho que aqui se encontra a possibilidade de um homem amar outro homem e uma mulher outra mulher, de uma mulher se identificar com um homem e se identificar com uma mulher. Todas as variações são possíveis na identificação e no objeto de amor. Ele fala de uma sexualidade perverso polimórfica. O objeto é vicariante. Por isso falamos de pulsão e não de instinto. Se falamos de pulsão, não há um objeto único que preencha o destino dessa pulsão. Então, acho que Freud nos dá a possibilidade de repensar os trabalhos na atualidade, embora ele esteja determinado por sua própria época. Portanto, não se trata de sacralizar Freud, mas de ver os caminhos que nos abre.

Por isso acho que, quando se quer tirar do campo da psicanálise a trilha da sexualização, que inclui o Édipo, se está empobrecendo uma teoria que tem muito mais para avançar – se você a

lê revendo as amarras histórico-político-sociais que a determinaram. Se faz necessário, portanto, recontextualizar os conceitos a partir das mudanças da época atual.

O Édipo propõe fundamentalmente a ruptura do binário. Eu sempre pensei que tínhamos que trabalhar com a ideia do ternário, do terceiro que entra quebrando a díade mãe-filho. Então, não importa se é uma mulher com um homem, se são dois homens com um filho. Agora, se esse filho fica colado a um deles, e não consegue fazer o deslocamento necessário ao outro objeto, aí pode vir a ter patologia. Não importa se é homem, mulher, o que for. Se nos debruçamos sobre a obra de Freud, podemos começar a pensá-la de uma outra forma.

Eu aponto em meu trabalho “Algo mais que um brilho fálico” a virada que Freud faz do artigo de 1917, “Sobre a transmutação dos instintos e em particular o erotismo anal”, para o artigo de 1923, “A organização genital infantil”. No de 1917, ele fala de equações simbólicas, ou seja, pênis igual a nenê, igual a cocô, igual a dinheiro, igual a presentes. Contudo, no ano de 1923, ele muda e fala de um significante primordial que tem uma hierarquia maior e ao qual se submetem as outras equivalências, no caso o falo. Aí, então, ele diz que há uma primazia do falo. E é em função da primazia do falo que se organizam os demais significantes. Então eu digo, bom, mas aí perdemos, não ganhamos. Vamos voltar a conversar com o Freud do erotismo anal, onde não há primazia, porque eu acho que ele se confunde. Se confunde pela época, pela história, mas se confunde ao querer dizer que tudo está submetido ao falo. Porque apesar de os lacanianos quererem descolar o falo do pênis, Freud não descola. Vão me desculpar, mas Freud não descola, ele nos diz que quando uma mulher tem um filho homem se acha mais satisfeita porque realiza o desejo de ter um pênis. Então depende de qual leitura se faz de Freud. Não tem por que deixar de ler Freud. Nem tampouco tem por que adorar Freud. Para criticar, primeiro é preciso conhecer: vejamos o que Freud diz e façamos sobre ele um trabalho em função

dos avanços históricos. É absolutamente imprecendente cancelar Freud.

PERCURSO Gostaríamos de saber quais seriam os conceitos inegociáveis em psicanálise.

ANA SIGAL Considero que são três os inegociáveis em termos da teoria: o inconsciente, a sexualidade infantil e a repressão. Em relação à metapsicologia, eu considero como muito importante a transferência, elemento pilar para caracterizar a psicanálise. E na clínica, também considero serem os inegociáveis a transferência e a associação livre. Mas agora, com as novas terapias, não se trabalha muito com associação livre. Fica muito mais difícil.

PERCURSO O que você está chamando de novas terapias?

ANA SIGAL Por exemplo, as terapias que se fazem frente a frente. O paciente está muito ligado aos aspectos egoicos dele e do psicanalista, e não está associando livremente. A forma de trabalho impede isso. Eu duvido que alguém me diga que está online fazendo estritamente o método analítico. Diz que faz tudo o que pode. Eu já discuti muito isso com pessoas que trabalham nessa questão da tela. Eu não trabalho com paciente falando e sem imagem. Dizem que é igual à sessão, porque você escuta, mas na sessão presencial vemos um monte de coisa, sentimos os cheiros etc.

Tenho experiências de estar com um paciente e sentir que algo estranho estava acontecendo. Uma paciente que solicitei que ligasse a câmera, estava cozinhando. Estava fazendo a sessão e pegando a pimenta. Eu não sabia que ela estava cozinhando, mas eu sentia que algo não estava rolando. Se Freud coloca um divã, põe um analista atrás e pensa o setting de forma a não ficar olhando no olho do paciente, para que o paciente possa sonhar, então, eu me coloco em defesa do setting. Mas sei que tem muita crítica em relação a essa posição.

PERCURSO Quando não é possível a associação livre, você continua considerando que tem a psicanálise presente ali, mas não é da mesma forma?



dentro da psicanálise, às vezes é muito necessário fazer um trabalho que está mais destinado ao ego do que ao inconsciente. Porque, às vezes, prevemos situações desastrosas. Eu mandei um paciente ao médico porque estava vendo que ele estava com uma doença grave e ele estava negando

ANA SIGAL Sim, a psicanálise é um saber da singularidade. Toda situação na qual se queira formar uma regra, uma forma de ser, já está fora da psicanálise. Cada analista é um analista. Mas não é que tudo vale, nem que tudo é a mesma coisa. Se você não trabalha com o inconsciente, me desculpa, a psicanálise é o saber do inconsciente. Se não se interpreta o inconsciente, você está fazendo uma coisa linda, uma psicoterapia maravilhosa. Eu faço em muitos casos, mas eu digo que não estou conseguindo analisar.

E mais, penso que, dentro da psicanálise, às vezes é muito necessário fazer um trabalho que está mais destinado ao ego do que ao inconsciente. Porque, às vezes, prevemos situações desastrosas. Eu mandei um paciente ao médico porque estava vendo que ele estava com uma doença grave e ele estava negando. Eu interpretava, interpretava e nada. Até que um dia eu falei: “Escuta, você já percebeu que tem que ir ao médico?” Isso não é sobre a interpretação. Não vou me enganar.

PERCURSO Quais os motivos que levaram você e Lucía Fuks a formarem o curso Conflito e Sintoma? E que tipo de reflexão foi gerada para você a partir da experiência de criação desse curso?

ANA SIGAL Eu lembro que éramos muito preocupadas porque os alunos que recebíamos no curso de psicanálise tinham como requisito já chegar com uma formação analítica. Caso contrário, não poderiam entrar para começar a estudar



*com as diversidades sexuais,
nós já trabalhamos mais, estamos
mais acompanhados para trabalhar
este aspecto. E falando de diversidade,
justamente, como sair desse mundo
dicotômico para passar
para um aspecto plural e não
de causa e efeitos*

psicanálise, fazer a formação. Quando não entravam no curso, eles caíam em qualquer tipo de grupo, caíam em qualquer tipo de formação e chegavam mais deformados do que formados. Então, pensamos: por que o Sedes não cria um lugar para receber os iniciantes, já que o curso de psicanálise não os recebe? Aí resolvemos criar o Conflito e Sintoma, fundamentalmente destinado a pessoas que estavam iniciando sua formação analítica e a todo tipo de pessoa que quisesse ter um conhecimento para o qual a psicanálise podia ser uma boa ferramenta: educadores, médicos, advogados, jornalistas, arquitetos, pessoas do cinema etc.

Criamos um curso que é uma parte do tripé de que eles vão precisar. Não nos ocupamos da análise, em princípio também não vai exigir a clínica, mas nos ocupamos da transmissão teórica.

Montamos o curso em 1997 e tivemos muito sucesso. Mas temos também um problema sério, que é considerar que muitas pessoas, hoje em dia, estão buscando uma formação de psicanálise que seja mais rápida. E muitos sonham que o curso Conflito e Sintoma vai lhes dar isso e nós não vamos. Então, nós temos muito claro que, quem quer estudar psicanálise para fazer uma formação, tem que ir a um grupo de formação.

Preferimos não dar uma introdução à psicanálise, que fosse um voo panorâmico por todas as questões que a psicanálise trata, e sim nos ocuparmos do que tomávamos como pilares da psicanálise, que passam pelos inegociáveis como teoria

sexual, pulsão, sexualidade infantil. Acho que é essa a base do Conflito e Sintoma. Fomos pensando que seria interessante criar um curso que permitisse isso. Mas o que eu quero dizer é que este caminho para as pessoas que se iniciam na psicanálise, na clínica, é uma trajetória que sempre deixa a porta aberta para ter que aprender coisas novas.

Agora nós estamos começando a aprender, estamos outra vez em um letramento. Há toda uma necessidade de rever a psicanálise à luz do racismo estrutural e de questões de que eu não poderia falar muito porque estou nos primeiros passos do aprendizado. Mas temos que pensar como a metapsicologia reabsorve todas essas coisas, é um caminho aberto, é uma aprendizagem constante, e o mesmo se dá com as diversidades sexuais. Mas com as diversidades sexuais, nós já trabalhamos mais, estamos mais acompanhados para trabalhar este aspecto. E falando de diversidade, justamente, como sair desse mundo dicotômico para passar para um aspecto plural e não de causa e efeitos.

Então, foi assim que nós criamos esse curso. No primeiro momento, chamamos pessoas muito queridas e conhecidas e nas quais tínhamos muita confiança no conteúdo que elas podiam transmitir. Eu acho que foi um sucesso desse grupo, porque durante muitos anos houve um clima tão amoroso, tão colaborativo, tão transmissor, que todas as pessoas falavam como era legal estar no Conflito e Sintoma. Olha, eu até digo a vocês, os colegas que são professores do curso de psicanálise notam a diferença das pessoas que fizeram Conflito e Sintoma. Criamos o curso há 27 anos.

PERCURSO Gostaríamos que você contasse como se formou o Movimento Articulação. Qual era o objetivo e por que acharam que era importante? Que diferenças podem ser apontadas entre a luta hoje e as travadas no início do Movimento?

ANA SIGAL Justamente hoje eu estava lendo as revistas do Movimento Articulação. Vou tentar ser muito sintética. No ano 2000, nós recebemos uma informação de que estavam fazendo uma reunião no hotel Glória, no Rio de Janeiro, para discutir problemas que a psicanálise tinha

com as questões de transmissão: dizer quem é e quem não é psicanalista. Vocês podem ver que os inegociáveis não estão de fora dessa discussão. Todas essas histórias vão se entremeando. Mandaram uma carta ao Sedes, eu não fui à primeira reunião, mas resolvi ir à segunda.

PERCURSO Então, começou convocado por uma instituição?

ANA SIGAL Foi convocado por Wilson Amendoeiras, que é um psicanalista do Rio de Janeiro, ligado à Sociedade de Psicanálise. Ele convocou a reunião a partir do fato de que a Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), que é uma instituição religiosa, estava dando formação e queria criar um conselho regional de psicanalistas para poder dizer quem é e quem não é psicanalista. A convocação foi frente a essa situação tão arrepiante, porque até esse momento sempre tinha quem dizia que fazia formação em escolas universitárias, mas não era uma coisa tão organizada. Deviam ser 2.000 psicanalistas por ano lançados no mercado, nos anos 2000. No grupo do Departamento, todos nós éramos engajados em política institucional. Alguns engajavam com a ação pública. Eu fui também dar supervisão no Caps, mas um tema que sempre me preocupava era o tema da política institucional, ou seja, da democracia institucional, de como se geriam as coisas dentro das instituições psicanalíticas.

Então, quando vi essa convocatória, eu me reuni com o Conselho de Direção, e falei: “Olha, não podemos estar fora desta questão tão importante, estamos falando do futuro da psicanálise”. As pessoas disseram: “Se você quer ir, vá”. Tinha que pagar passagem, ir para o Rio de Janeiro e ficar uma noite. Na segunda reunião, eu fui e fiquei sentada num canto. Ninguém sabia o que era o Sedes, porque eram pessoas do Rio de Janeiro. E, então, passei a ir às reuniões. Fui acompanhada por um tempo pela Sandra Navarro e depois pela Cida Aidar, algumas vezes a Heidi Tabacof também foi. Bom, começamos a participar das reuniões em um hotel onde discutíamos essas questões. Aos poucos, fomos nos



no grupo do Departamento, todos nós éramos engajados em política institucional. Alguns engajavam com a ação pública. Eu fui também dar supervisão no Caps, mas um tema que sempre me preocupava era o tema da política institucional, ou seja, da democracia institucional

fazendo conhecer. Fui falando quais eram as linhas de formação da nossa instituição, o que era o Sedes, como trabalhávamos, e então começaram a me escutar quando eu falava. Em um ano eu estava superentrosada. Tinha um grupo de pessoas muito interessantes, algumas seguem até hoje, outras já foram, como eu, saindo. Mas nós tivemos também uma luta que foi difícil, uma luta interna dentro do próprio Movimento.

PERCURSO Então, o Movimento Articulação se formou contra a regulamentação da psicanálise?

ANA SIGAL Contra a SPOB que queria fazer uma regulamentação e criar um instituto que outorgasse o saber e que autorizasse o exercício da profissão. Nós eramos contra a autorização, contra análise religiosa, que era evangélica.

PERCURSO Eles já estavam tramitando alguma lei nessa época, no Congresso?

ANA SIGAL Eles já tinham tentado várias vezes. Houve várias tentativas de regulamentação, e não só da SPOB, também houve da Sociedade de Psicanálise. Por quê? Porque a Sociedade de Psicanálise queria se autorizar o direito de serem os únicos formadores.

PERCURSO Sim, mas não dentro do Congresso, não é?

ANA SIGAL Não. Dentro do campo social. Já a SPOB tinha entrado com um Projeto de Lei, no



*no início, tivemos
que estabelecer o Movimento.
Deixar muito claro que, se nós
não queríamos a regulamentação
da psicanálise, a primeira coisa
a se fazer era não criar
uma instituição que, de fato,
estaria regulamentando*

Congresso, para tentar regulamentar essa formação. Então, eu e Sandra começamos a ir às reuniões a cada quatro meses, presencialmente. Depois de um tempo, ninguém mais quis ir e eu continuei indo nos 15, 16 ou 17 anos seguintes.

Fiquei esses anos todos porque a luta foi aumentando, ficando mais interessante e ganhando mais sentido. Nesse momento, eu não estou no Articulação, saí há quatro anos, e agora a Ana Claudia Patitucci e o Jeronimo Carvalho são os Delegados. E eu sou a articulanda deles, pensamos nos encaminhamentos, discutimos as questões do Movimento, quando precisa.

No início, tivemos que estabelecer o Movimento. Deixar muito claro que, se nós não queríamos a regulamentação da psicanálise, a primeira coisa a se fazer era não criar uma instituição que, de fato, estaria regulamentando. Por isso, pensamos que seria um movimento, ou seja, não seria pessoa jurídica, não teria estatuto, site nem pagamento.

É um movimento ao qual se vai aderindo e que tem alguns critérios para participar. Tem que ser instituição de formação, indicada por duas instituições participantes do Articulação; não pode ter cunho religioso, nem pode ser propriedade privada, ou seja, que funcione para benefício dos seus proprietários. Dentro do que é o espírito do que nós pensamos no Movimento, uma instituição de formação é um lugar onde todos os membros formam parte da sustentação da instituição. E um espaço de formação é diferente de um curso

de formação porque um curso pressupõe definir carreira, títulos, certificados.

Mas, como eu disse, nós tivemos uma luta interna no início do Articulação. Quem criou o espaço do Movimento foram os representantes da Associação Brasileira de Psicanálise (ABP), que hoje se tornou a Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), ligada à IPA. E, durante um bom tempo, essa instituição se atribuiu um lugar de propriedade do grupo.

Mas um dia cheguei a uma reunião e na sala onde ela iria acontecer estava escrito: reunião do grupo da ABP. Eu entro e digo: “Alguém sabe onde está o grupo Articulação?”, e falaram: “É aqui”. “Não, aqui é da ABP. Estou buscando outra coisa, estou buscando o grupo Articulação”. Deu uma parada total, e aí se começou a discutir. A ABP estava conduzindo, criou espaço, convocou, tinha o seu lugar. Mas não éramos um grupo das Sociedades de Psicanálise, da ABP, éramos um grupo diverso, um movimento que estava se estruturando fora dessa instituição.

E foi uma luta acirrada, porque eram eles que sempre dirigiam as reuniões, queriam tomar conta das comissões que formávamos para trabalhar. E, em um momento, falamos não!

Éramos um grupo bem coeso. Tinha um grupo de lacanianos, com Denise Maurano, Sonia Alberti, pessoas fortes no campo institucional. Falamos: “Não, vocês não estão entendendo do que está sendo tratado. Isso é um movimento, e vocês têm a mesma participação que temos cada um de nós que estamos aqui. E mais, cada instituição tem um voto, não importa o número de membros que esteja presente”. Então, queríamos democratizar e assim foi se constituindo a organização do Movimento. E, hoje, todos se entendem muito bem, o Articulação é formado por várias instituições, de diferentes escolas, com os lacanianos, nós, a FEBRAPSI, e outras.

PERCURSO Atualmente estão acontecendo os cursos de graduação em psicanálise, oferecidos por vários Institutos de Educação Superior. Como você pensa essa situação, qual será o desdobramento?

ANA SIGAL O desdobramento vai ser muito difícil. Nós trabalhamos muito para promover todos os movimentos democráticos dentro da psicanálise. E o Articulação tem um lugar único, pois consegue congrega psicanalistas de diversas escolas com um objetivo comum. Não tem brigas. Quando tem discordâncias, se discute e se chega a um consenso. Não importa se é lacaniano, se é freudiano, winnicotiano ou kleiniano. Se você é psicanalista, apresentado por outra instituição que te avaliza, você está lá para dar a sua opinião. Então, isso é uma coisa superimportante. É o único espaço, no mundo, que congrega psicanalistas de diferentes escolas, por uma luta comum. Nós conseguimos avançar nessa luta reduzindo as diferenças ao mínimo e aumentando, ao máximo, o que temos em comum. Trata-se de uma frente, um movimento que tem tido muito sucesso nesses anos porque tem impedido as várias tentativas

de regulamentação da psicanálise. Sempre nos mandam os anúncios de cursos em escolas que dão anel de psicanalista, carteirinhas, distintivos e tal. Mas nunca nos ocupamos de impedir esses cursos, nunca quisemos ser o dono do saber psicanalítico. Lutamos a partir da premissa de não permitir que o Estado regulamente a psicanálise. É a luta antirregulamentação.

E somos contra a profissionalização e o título de psicanalista outorgado por uma universidade. Porque consideramos que é impossível que se faça o tripé dentro da universidade. Ninguém pode e nem deve controlar uma análise.

Se somos contra o controle da análise, imagine se não somos contra o controle da análise na universidade. Não se pode diplomar um analista. Psicanalista não é uma profissão, a psicanálise é um saber que responde a certas leis e que tem uma ética própria.